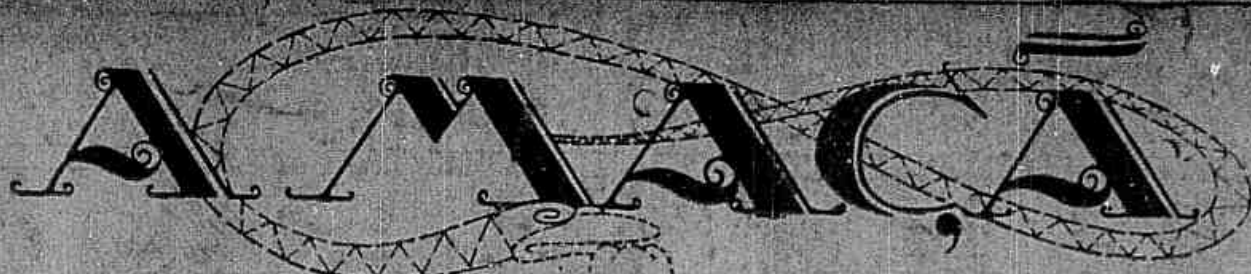


Num.

2

Anno 1



DIRECTOR :

CONSELHEIRO X. X.

18

Fevereiro

1922

CARNAVAL !



A PRIMEIRA BATALHA

(Desenho de ANGELUS)

LIVROS NOVOS

Sobre sciencias, artes, pedagogia, litteratura, arte militar,
etc., nacionaes e estrangeiros,
de todos os autores e em todos idiomas.

Enormes e selectas collecções de livros para escolas,
de todos os gráus, premios, presentes, etc.

Vasta e escolhida bibliotheca de livros para creanças
e para moças solteiras.

Recebimento diário de novidades de toda a parte, em
trabalhos de todas as especialidades, sobretudo
Medicina, Engenharia, Direito, Electricidade, etc.

Secções completas de figurinos, magazines
jornaes, revistas,
cartões postaes, objectos de escriptorio, etc.

GRANDE LIVRARIA EDITORA "LEITE RIBEIRO"

Uma das mais importantes do mundo, em numero de edições e em stock.
Editora das afamadas chronicas humoristicas do Conselheiro X. X.

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19

— E —

13 DE MAIO, 74 e 76

Teleph. Central 250

End. teleg. ETIEL

Pedidos directamente á Caixa Postal 899

— — — RIO DE JANEIRO — — —

INSTITUTO VITAL BRAZIL

ESPINHAS E CRAVOS — Desaparecem com a VACCINA CONTRA O ACNE - Injecções indolores.

MOLESTIAS DAS SENHORAS — Tratamento moderno e de exito seguro com o extracto HORMO OVARICO - Injecções indolores.

FRAQUEZA SEXUAL — Recommenda-se o uso do extracto HORMO ORCHEINICO Injecções indolores - Tónico e estimulante natural da funcção physiologica.

Exijam sempre o nome VITAL BRAZIL

À venda nas Drogarias e Pharmacias

Depositarios Geraes: **F. LINS & ROSMAN**

Rua São Pedro, 89 — Tel. N. 5033 — RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2^{1/2} e nos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 4 de Março — Ás 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

14.^a — 1.^a

NOVO E IMPORTANTE PLANO

SÓ JOGAM 20.000 BILHETES

100:000\$000

POR 20\$000, EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sêde da Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}

S. PAULO

Vende-se em toda a parte

HOMŒOPATHIA

Teleph. C. 2085

End. Tel. ARCEA

ARAUJO PENNA FILHOS

IMPORTADORES DE

Accessorios de Pharmacia e Curativos em alta escala

RUA DA QUITANDA, 57

RIO DE JANEIRO

BANCO DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1917

26, RUA DA ALFANDEGA, 26

CAPITAL 5.000:000\$000

(SOB A FISCALIZAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL)

Faz empréstimos em conta corrente, em caução de títulos, sob garantia de warrants, descontos commerciaes e particulares.

Acceita cobrança em todas as praças do Brasil, mediante as taxas mais modicas possiveis, recebe dinheiro em depositos, mediante as seguintes taxas:

- 3 % em conta corrente á ordem
- 5 % em conta limitada
- 6 % em conta de aviso previo
- 7 % em conta de prazo fixo

Administra propriedades, recebe bens em custodia, encarrega-se do recebimento de juros de apolices ou outro qualquer título.

PEÇAM INFORMAÇÕES

26, RUA DA ALFANDEGA, 26



Director: CONSELHEIRO [X. X.]

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O BODE

Quando o dr. Francisco Gabriel sahia para o escriptorio depois do almoço, ia descansado. D. Hortencia, a quem elle chamava Teté, senhora de origem provinciana, era uma creatura dôce, virtuosa, pacata, e só fazia questão de uma cousa: reunir as amigas em um chá delicioso, duas vezes por semana, e ao qual, de homem, só apparecia o Pedrinho, pirralho de cinco annos e filho unico do casal.

As reuniões de D. Teté, por serem puramente femininas, não primavam, entretanto, pela ingenuidade das palestras. Sem contacto directo com o mundo, a illustre senhora assemelhava-se a uma prisioneira que tivesse um telephone á cabeceira do catre: as amigas traziam-lhe de fóra todas as novidades galantes, contando-lhe, com a semcerimonia das mulheres que se supõem sós, toda a sorte de historias maliciosas que recolhiam perversamente lá fóra.

— Sabes? — contava unia. — O Albuquerque Berredo aparthou, um destes dias, o Gaudencio Motta na casa delle, aos beijos com a Otinha, e foi um horror. Sahiram os dois, rolando pela escada, até embaixo!

— Agora que elle fez isso? — estranhava outra.

E com a despreocupaçao das damas do mundo:

— Então, foi muito tarde. Elle já devia saber

ha muito tempo que o toureiro andava atrás delle!

Ouvindo duas vezes por semana essas dolorosas historias da infelicidade alheia, o Pedrinho foi comprehendendo, pouco a pouco, que havia homens casados em cuja cabeça se desenvolviam dois ornamentos incommodativos, dos quaes falavam, ás quartas e sextas, as lindas amigas da sua mamãe. A' sua intelligencia alvorecente aquillo causava, é certo, enorme confusão; isso era, porém, problema que elle resolveria mais tarde, e que a sua curiosidade, ia, aos poucos, retardando.

No fim do anno, como se sentisse fatigado e o calor se manifestasse, nesse verão, com intensidade incommum, fez o dr. Gabriel o calculo dos seus negocios, e convidou a esposa:

— Tété, vamos passar dois mezes na fazenda?

— Vamos! — concordou a linda senhora, enxugando a testa lisa e clara, aljofrada de suor.

E uma semana depois estavam na fazenda do «Poço Novo», pequena propriedade pastoril perto da Barra do Pirahy, na qual o illustre advogado creava algumas duzias de vacas, de carneiros, de bodes, de muars, que serviam mais aos outros do que a elle proprio.

No «Poço Novo» o Pedrinho sentiu-se tão deslumbrado que parecia mais a victima de um encantamento. As vaccas, as cabras, as ovelhas,



"Capital"
RIO.

GRANDE VENDA PARA RENOVAÇÃO DO STOCK

Ternos de brim branco, puro linho	130\$000
Camisas modernas desde . . .	8\$500
Pyjamas de Zephir.	14\$500
Meias de seda	7\$500
" " "Interwoven"	4\$900
Roupas para meninos, lindos mo- delos desde	3\$800

CAMISAS PARA CARNAVAL

EM LINDOS PADRÕES
MODERNOS DESDE . . . 9\$500

VISITEM

"Capital"
S. PAULO





Se você quizesse...



Ella, cincoentona e sórdida, chegava todas as tardes até áquelle pedaço ermo do caminho, fora já da povoação, para a apanha de gravêtos.

Preparada a carga, tornava ao rancho, onde punha a ferver sobre uma trempe de tijolos calcinados a panella da sua unica refeição quotidiana.

Alta e magra, punha na linha doirada do ocaso, esguia mancha de espectro com o seu feixe de ramos sêccos á cabeça e os seus andrajos pannejantes ao vento.

A cabelleira espessa de immundicie, emmoldurava-lhe o rosto, onde se movia um par de olhos sinistros, um exorbitante, raiado de sangue, outro branco, lacrimozo, vasado pela varíola.

Ninguém attentava nella, que logo não sentisse insopitavel gesto de aversão e nojo, não raro mudado em terror instinctivo, porque a feia creatura vivia a resmungar, como quem repetisse formulas de sortilegios.

Ora, um dia, quasi ao cair da noite, succedeu que á sua vista surdiu na mesma estrada um jovem marçano, que parecia avançar com esforço.

De facto, trazendo á cabeça um vasto cesto de verduras, tinha debaixo do braço esquerdo um gallo, que cacarejava á compressão, fazendo por se desvencilhar, enquanto que prêso ao seu braço direito se arrastava um bóde, doido por desandar, no rumo do seu terreiro.

Não fôra o varapáo, a quando e quando fincado no chão, e o pobre labrêgo não venceria a resistencia da barbuda alimaria.

Tão aperriado ia na sua faina, que nem reparou na megera, que se assentára no feixe de lenha para lhe admirar o vigor da musculatura.

E já se ia de longada, a suar e a praguejar, quando lhe toma o passo aquella horrenda figura de Medusa.

— Moço, respeite quem passa.



— Leve-te o demo, estupor, que não me calo com o raio de um bode assim e mais o diabo do gallo e desta carga do inferno que me destronca o pescoço!

— E' que Você quer abusar de mim...

— Que estás ahí a dizer, focinho de má morte, que não olhas a tua cara ahí nesta poça de lama?

Ainda que fosses nova que poderia eu contigo, carregado, como estou! Ora, a minha vida! Não faltava mais nada!

— E' que Você pode pôr a ver-dura no chão; botar o gallo debaixo do cêsto e fincar o varapáo para amarrar nelle o bóde muito bem amarradinho, e depois vir abusar de mim...

— Má raios t'a partam, bruxa do inferno!

Gilles de Laval



BRULÉ



E' inconcebível, quasi, o modo porque se tem desenvolvido na cidade a praga dos rapazes delicados e chics, gente de voz aflautada cuja profissão, ao certo, ninguém conhece. Dizer-se que esses individuos são filhos de gente afortunada, seria uma offensa ás famílias ricas do Rio de Janeiro. O certo é, que elles vivem á farta, usando boas roupas, calçando bons sapatos e fazendo alarde, por toda a parte, das suas lindas ceoulas de sêda.

O mal não é, entretanto, exclusivamente brasileiro. Na Inglaterra, na Allemanha, na França, na Italia, a classe abunda, mais do que entre nós. A propria China, patria do «rabicho», é accusada no tribunal dos bons costumes, e indicada como um dos maiores focos desses individuos. A verdade é, entretanto, que elles progridem, prosperam, multiplicam-se, transformando-se em rebanho, em exercito, em legião.

Na França, principalmente, o costume transformou-se em instituição. E de tal maneira que os adeptos da innovação amassam fortuna, transformando-se, na velhice, em millionarios, ou, pelo menos, em

proprietarios mais ou menos independentes.

E' esse, diz-se, alli, o caso de André Brulé, tão conhecido nos circulos elegantes do Rio de Janeiro, o qual, segundo se affirma, acaba de construir um palacete em um dos bairros mais chics de Paris.

A noticia desse acontecimento correu, como era natural, de bocca em bocca, em todas as rodas de artistas. E foi em uma d'ellas que surgiu, inesperadamente, a perfidia innominavel.

— Brulé construiu uma casa! — disse alguém.

— Uma casa? — estranhou uma linda

actriz, antiga estrella do Odéon.

— Uma casa, sim.

— Com que? Com o dinheiro das «tournées»?

Uma risadinha communicativa resouu pela assistencia.

— Qual, nada! — interveio um velho artista aposentado.

E perverso:

— O Brulé faz casa como os castores!

E toda a gente sabe, na França, e no Brasil, como e com que os castores fazem casa...



os perús e os patos que fluctuavam na lagôa, tudo isso era objecto das suas perguntas ao pae, que se via na contingencia, ás vezes, de usar de rodeios, e até de mentiras, para ministrar-lhe certas explicações.

Uma tarde, com o sol a esconder-se ao longe, para além do cocoruto cinzento das seranias, andava o bacharel a passeio com o filho pelo campo, quando estacaram, os dois, de repente, diante de um rebanho de cabras. Dezenas de cabritinhos malhados pulavam, pernas duras, cabecinha alta, como se fossem de borracha. Bodes enormes, de pello abundante, estalavam os cascos nas pedras espalhadas na planície, fazendo balouçar o «cavaignac» sujo como o de velhos militares que tomassem rapé. E foi no meio desse rebanho irrequieto que o Pedrinho distinguuiu, de subito, um bode de quatro chifres:

— Olha, papae; olha! — gritou, os olhos esbugalhados, o dedinho estendido no rumo do animal.

— E' um bode de quatro chifres, — observou o pae, á falta de explicação melhor.

Pedrinho franziu a testinha intelligente, cortando-a de rugas leves, que eram as pautas vivas da musica do seu pensamento. Subito, chamou intrigado:

— Papae?

O advogado olhou-o, tomando-lhe a mão.

E o Pedrinho, os olhos espetados nelle:

— Aquelle bode já se casou duas vezes? Já?

X. X.



Os «Batutas» em París



Embarcaram ha dias para a Europa, com destino a Paris, os oito cantores e musicos brasileiros que fizeram epoca, entre nós, com os seus «maxixes» e modinhas nacionaes. Foram, diz-se, fazer propaganda da arte indigena, tão menosprezada pelos nossos maiores escriptores e artistas.

A partida desses propangandistas foi objecto de violenta discussão nos jornaes. Para uns, a nossa missão musical vae redundar em prejuizo para os nossos creditos de povo culto, de que os Oito Batutas não podem ser a expressão mais legitima. Para outros, porém, os francezes saberão o que essa missão exprime, tomando os nossos oito graúnas como authenticos representantes do genio popular, e não como delegados do Club dos Diarios, da Associação Commercial ou da Academia Brasileira de Letras.

Indifferentes a essas duas opiniões, tomámos um alvitre: con-

sultar, a respeito, o nono batuta, o sr. Antonio Feliciano do Espirito Santo, estivador aposentado, cavalleiro da Ordem de Leopoldo e official da legião de Honra, o qual com a maior gentileza, nos forneceu, no seu gabinete de trabalho, um caixão de kerozene para nos servir de cadeira, e nos foi, logo, dizendo:

— Eu, como a imprensa não ignora, não quiz ir á Europa com os meus companheiros. Isso não significa, entretanto, que eu tenha divergido delles em relação á embaixada, mas, simplesmente, uma indisposição de saúde, que me impediu de embarcar.

Cuspiu longe, na parede, e esclareceu:

— Quando o marechal Mangin

estive no Rio, o sr. ministro da Guerra forçou-me a tomar parte em uma festa ao glorioso militar. Calcei as botinas, e fui. Tamanho foi, porém, o supplicio do calçado, que ainda hoje não me posso ter em pé por muito tempo.

E passando os dedos da mão entre os do do pé:

— Foi por isso, apenas, que eu não embarquei.

— E que nos diz o senhor dessa missão? — perguntámos. — Acha que ella convém aos interesses nacionaes?

Antonio Feliciano olhou o tecto com despreocupação, como quem procura casualmente um rato ou uma idéa, e opinou:

— Eu acho, com franqueza, que os resultados para o Brasil vão ser os melhores. Os companheiros que seguiram, são, realmente, «batutas». E' gente escolhida a dedo.

— Acha então, que a França nos mandará, como retribuição, uma embaixada de compositores? — indagámos.

— Não, senhor.

— Uma grande missão literaria, com Anatole France, Paul Bourget, Henri Barbusse, Frederic Masson...

— Absolutamente!

— Uma embaixada politica, chefiada por Briand?

— Tambem, não.

— Então, — exclamámos, arreliados, — que vamos tirar nós da ida dos Oito Batutas a Paris? Que é que isso nos vae adiantar?

— D'aqui a alguns annos, sabe?

Chegou-se mais para nós, e concluiu:

— A França está assim, de mulatinhos!

E juntou os dedos em feixe, para dar uma idéa de multidão.

José Fortunato



Assumptos para o jantar



“Potins” para a sobremesa

Vicio antigo

Ha uns quarenta annos, mais ou menos, estiveram em moda os chapéus actuaes, enfeitados de uvas, de cerejas, de amoras, e fructos semelhantes. Por esse tempo, creança ainda, e de retorno da Europa, o sr. dr. Alvaro de Teffé, que tinha uns seis annos, viu entrar em casa de seus paes, os barões de Teffé, uma senhora chic, carregando um chapéu lindissimo, ornamentado á maneira do tempo. Ao ver a visitante, o Alvaro-sinho atirou-se para ella, abraçando-lhe as pernas, e agitando-a com força.

— Que é isso, menino! — accorreu o sr. Barão, alarmado.

O pirralho não se affligiu.

— Não é nada não, papae!

E continuando a saçodir a senhora:

— E' para derrubar as cerejas!

E o peor é que, actualmente, com a volta dos chapéus enfeitados de fructas, o illustre homem de sociedade continúa a fazer o que fazia ha quarenta annos atraz, sacudindo as senhoras, violentamente, pelas pernas...

Exigencias militares

Elle é capitão do Exercito, e conquistou uma praça de guerra que lhe pareceu, a principio, inexpugnável. Aos poucos, porém, foi aborrecendo-a, e não havia razões que a fizessem desistir da amizade. Ha dias, foi elle addido ao Estado-Maior, e teve uma idéa: procurou a creatura, e participou-lhe, desolado:

— Sabes, filha, que, agora, é impossivel continuarmos. Eu entrei para o Estado-Maior, e as leis militares prohibem, terminantemente, que os officiaes do Estado-Maior tenham intimidade com qualquer senhora, a não ser com a esposa legitima. Nós somos espiadissimos, e, se descobrem a minha amizade contigo, eu perderei os meus galões.

E ella, que é patriota, conformou-se...



A idade dos burros

O jovem advogado, não obstante os seus vinte e oito annos, é, já, um homem envelhecido. Caricias, ternuras, agrados de mulher, nada adeantam no seu caso. Foi, entretanto, para elle, um choque formidavel, encontrar na sua sala de visitas, vestindo o paletot, o conhecido coronel do Exercito, que, pela idade, podia ser seu pae.

— O senhor aqui? — trovejou, pallido, a voz tremula, o dono da casa.

E para ferir o visitante:

— Um velho!... Um homem de cabellos brancos!...

O coronel riu-se, malicioso. E ao acabar de vestir-se:

— Olha, menino, sabes de uma cousa?

O desgraçado encarou-o.

E elle:

— Olha: meu pae já me dizia, que um burro aos vinte annos é mais velho do que um homem aos sessenta!

E sahíu, corrigindo os bigodes.

Sabida...

Para aquelle marido, homem pacato e singello, foi um espanto, pelo menos simulado, encontrar em casa a esposa, de papo para o ar, na cama, lendo de'iciadamente «A Maça». Pé ante pé, elle veio por traz, e vendo-a rir, até encher os olhos d'agua, indagou, franzindo a testa:

— Então, que é isso? Tu já entendes dessas cousas? De que é que ris tanto?

Ella ergueu para elle os olhos muito negros, muito vivos, patenteando a alva fieira dos dentes.

— Ora, filhinho, deixa disso!

E puxando-o para si, com a brejeirice na bocca, nos olhos, no pensamento:

— Não foi commigo que tu aprendeste a ler «A Maça»?

E abraçaram-se, rindo.

Bico — de — Braza



O VERBO



Branca e pallida — e que lindo era o seu rosto no encaixe do capuz escuro como um marfim cravado em bronze — soror Margarida, repassando listradamente as contas do rosário, arguía a ingenua educanda sobre mysterios da Religião.

Era na cerca do convento, num banco tosco á sombra de velha mangueira.

Em volta, na relva dourada, aves familiares mariscavam e os ramos cheios de ninhos resoavam gorgeios. Um casal de pombos — elle arrufado, ella dengosa — arrulhava caricias reproduzindo o idyllio iniciado no Paraíso quando a mulher, desobedecendo ao Senhor, perturbou com o peccado a harmonia da criação.

Manhan balsamica de Maio. Ceu azul, ramos em flor.

— Dolores, disse a monja, vejo-te sempre tão compenetrada na leitura do teu catechismo ou meditando em retiro que estou certa de que a nossa religião já não tem segredos para tua alma. Vais responder-me a uma pergunta: — Qual foi o verbo que se fez carne?

— O verbo que se fez carne...? E os lindos olhos verdes da educanda fitaram-se nos carvões ardentes dos olhos da monja pallida.

— Sim, minha filha...

— O verbo que se fez carne foi... o verbo amar.

Soror Margarida estremeceu escandalizada, a sua pallidez marmorea cobriu-se de rosas e, tremula, de mãos postas, balbuciou apenas:

— Que heresia! Onde aprendeste horror tamanho, minha filha!?

— Horror! Mas foi meu primo Armando que me disse, irman... E até propoz-se ensinar-me o primeiro tempo do verbo...

— Virgem Maria! exclamou a monja alvoroçada. E ensinou, Dolores?

A educanda baixou timidamente os olhos e respondeu, florida em pudor:

— Não, irman, não ensinou porque o jardineiro appareceu e o primo explicou, adiando a lição, que o verbo amar, tendo muitos tempos e modos, só póde ter duas pessoas...

— Sim, quando é regular, murmurou, num suspiro, a monja pallida, como se fallasse em segredo ás contas do rosário.

Caliban

Acariciando...

Telephone ligado, puzeram-se os dois a conversar, trocando frases de paixão. Elle, o illustre homem de letras, membro da Academia, declarava á linda senhora:

— Ouve! tu não imaginas como eu idealiso a vida perto de ti, o coração no teu coração, os olhos nos teus olhos.

E descrevia:

— Junto a ti, muito chegadinhos, eu passaria horas inteiras a olhar-te, a admirar-te, embebido no teu olhar. Doce, carinhosa, tu mergulharias os dedos nos meus cabellos...

— Oh, filho, isso, não! — protestou a linda senhora, interrompendo subitamente o poeta.

E com repugnancia:

— Isso é porcaria; sabe?

Effectivamente, o illustre homem de letras tem, no maximo, uns vinte fios de cabello, na cabeça...





Idéa de mulher

O sr. dr. chefe de Policia acabava de tomar uma chicara de café, trazida pelo continuo, quando lhe apresentaram um cartão de visitas, quebradinho na ponta.

— Mande entrar, — ordenou o sr. dr. Geminiano.

Dois minutos depois espalhava-se pelo gabinete uma onda de perfume caro, desses que põem a gente de nariz no ar, aspirando-o com delicia. E, atraz do perfume, um vulto feminino, de quarenta annos mais ou menos, mas de quarenta annos conservados com arte e sabedoria.

— Faça-me o favor de sentar-se, — pediu o chefe, sahindo ao encontro da illustre senhora, e conduzindo-a ao canapé, onde o antigo magistrado recebe as suas visitas de cerimonia.

Posta á vontade, a dama começou a explicar o seu intuito, que só podia merecer o apoio da Policia. E expoz o caso :

— Eu sei, sr. de zembargador, que um dos pontos do programma de V. Excia. é acabar com as casas suspeitas espalhadas pela cidade. E é nessa obra de moralidade e saneamento que eu venho collaborar.

— Muito grato, minha senhora ; muito grato ! — susurrou o chefe, numa curvatura.

E a dama continuou.

— Certo de que V. Excia. precisa, apenas, de informações seguras, eu tomei a liberdade de trazer-lhe esta lista, indicando as casas que devem ser fechadas. Veja.

— Mil e duzentas e trinta e sete ! — exclamou o dr. Geminiano, folheando as dezeses tiras de papel dactylographado.

E, após um instante, consumido em examinar a lista :

— Sim, senhora, minha senhora. Eu lhe fico muito obrigado, muito grato e prometto-lhe que vou agir, e com a maior actividade.

E despedindo-a, á porta do gabinete :

— Passe muito bem !

Sabbado passado, estava o Chefe á sua mesa, na Policia Central, quando lhe trouxeram outro cartão, igual ao que lhe haviam levado um mez antes. E a uma ordem sua, penetrava no gabinete, mais resplendente de joias do que da primeira vez, a sua formosa collaboradora na obra de saneamento moral da cidade.

— Então, tem visto ? — indagou o sympathico magistrado, risonho, sentando-se no canapé, ao lado da visitante.

— Tenho doutor ; tenho ! — informou esta, descalçando as luvas. — Tem sido um bello trabalho. E é isso que me traz aqui. Eu precisava agradecer-lhe.

— Não havia porque, minha senhora ; não havia porque ! — insiste o de zembargador, curvando-se.

— Ha, sim, doutor ; ha sim ! — tornou a dama, pondo á mostra, no cofre vermelho da bocca, as perolas impecaveis dos dentes.

E batendo-lhe com o leque na perna :

— O senhor não imagina a concurrencia que aquella gente me fazia ! Agora, não ; a minha casa tem prosperado, augmentado com a freguezia das outras, tanto assim que eu já aluguei, para funcionar pelo Carnaval, o predio fronteiro !

PHRASES DE INTIMIDADE



ELLA : — *Você me chamou ?*



Primores da nossa lingua

RIO

Da petrea cathedral de esplendida cascata,
como de monjas longa e estranha procissão,
de aguas alvo cortejo, em curvas, se desata,
entoando religioso e frio cantochão.

E, ás vezes, esbordoando as rochas, pela matta,
ronca o rio raivoso em plena solidão,
e toda a fragil flôr ripúcula arrebatada,
sepultando o que nelle achara berço, então.

Ha no rio a tristeza, a colera e o prazer,
em seu constante curso elle nos manifesta
todas as vibrações vitales do humano sêr.

E julgo-o, quando o vejo espreguiçado á sesta,
um satyro, com o corpo encurvado, a lambar
o ventre virginal e verde da floresta.

Gilka Machado



O unico recurso

Não havia mulher casada e de coração que não lamentasse a sorte d'aquella pobre senhora. Em dez annos, doze filhos ! E isto sem que houvesse esperança de modificação, porque o mais novo tinha trez mezes e tanto ella, como o marido, não haviam passado a casa dos quarenta.

— Que horror, minha Virgem Maria ! — exclamava uma, ao vel-a passar, á noite, rumo do cinema, a distrahir o seu bulhento exercito liliputiano.

— Parece rato ! — observava outra, menos generosa com aquella fecundidade.

E todas lamentavam o destino da virtuosa mãe de familia, cuja vida havia sido consumida, naquelles ultimos dez annos, em dar de mamar a meninos.

Foi por isso que, certa noite, no anniversario do commendador Benevenuto Fontes, causou espanto a noticia, trazida, de repente, á gente do salão, pelas pessoas que se achavam no jardim :

— Dona Bibina está a ! !

E foi uma alegria para todas as senhoras d'aquella roda, antigas companheiras de mocidade, aquelle apparecimento :

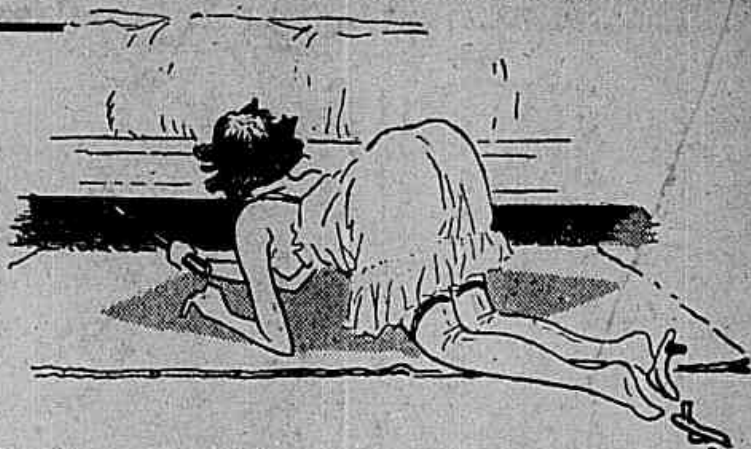
— Afinal, heim ? Que soberbia é essa ?... — exclamava, jovial, D. Bellinha, esposa do commendador.

E as outras :

— E' verdade ! Você não apparece mais, e nem dá noticias á gente !

— Que ingratidão !...

Assediada por essa maneira, D. Bibina resolveu justificar-se. Os meninos não lhe davam tempo para nada. De manhã á noite, era uma lucta com elles. O Maneco, então, era um vadio de força. E o pequenito cada vez mais manhoso, mais chorão, exigindo peito a toda a hora e passando a noite, ás ve-



zes, de olhos arregalados, mettendo na bocca os dedinhos do pé.

E como a palestra tombasse para esse terreno, começaram as observações escandalizadas :

— Tambem, aonde vae você com isso, Bibina ? Em dez annos, doze filhos !...

— E não ha nem esperança de parar !...

— Ponha um ponto final na familia, menina !

Bondosa e simples, a querida senhora sorria, fazendo resaltar no rosto largo e claro os seus lindos dentes muito alvos. E como as amigas insistissem, justificou-se :

— Isso é assim mesmo, meninas. Ora, esta !...

E rindo :

— Quem anda á chuva é para se molhar... Não é ?

As senhoras acharam graça d'aquella explicação, e iam, talvez, replicar, quando notaram, a dois passos de distancia, o commendador, que chegava, arrastando, á frente, como um grande bahú de quinquilharias de turco, o seu enorme

ventre carregado de berloques e medalhas. Vendo-o, a roda feminina calou-se. Mas havia sido tarde, porque o velho banqueiro tinha ouvido, pelo menos, a ultima frase. E como quizesse ser gentil com as damas, foi chegando, e intervindo :

— Ahí está uma cousa com que eu não concordo. Palavra ! Eu não acho que, quem anda á chuva, tenha fatalmente de molhar-se.

E ingenuo, no meio d'aquellas maliciosas :

— Para que foi, então, que se inventou a capa de borracha ?

Os poetas illustrados



Talhado para as grandezas,
P'ra crear, crescer, «subir».

CASTRO ALVES

Almirante JUSTINO RIBAS





COMERÁ ELLA A MAÇA ?

(Desenho de Cunha Barreto)



Tentação

(Desenho de ANGELUS)



A Viuva de Epheso

(de Petronio)

Havia em Epheso uma senhora com tal renome de castidade, que as mulheres dos arredores procuravam conhecer, por curiosidade, aquella maravilha.

Ficando viuva e não se conformando com as demonstrações communs de pezar, de ir, com os cabellos soltos, atrás da comitiva funebre e de arranhar o peito diante dos circumstantes, ella quiz acompanhar o cadaver até á derradeira morada e guardal-o na crypta, na qual, segundo o costume grego, o sepultaram, ficando ahi a chorar, dia e noite, juanto áquelle que fôra na vida a sua alegria e o seu encanto.

Tamanha era a afflicção que a torturava, que nem amigos, nem parentes puderam dissuadil-a de tão abnegado proposito. Queria morrer, ali, de fome, já que não pudera morrer de amor, nem de paixão.

Quando os proprios magistrados tiveram de retirar-se, depois de uma ultima tentativa para convencel-a, todo o mundo começou a chorar, por morta, aquella mulher que offerencia tão raro exemplo de fidelidade. Cinco dias eram passados sem que ella tomasse alimento.

Uma creada fiel quiz acompanhá-la na triste reclusão e ficou ao lado da patrão, misturando seu pranto com o della e avivando a chamma da lampada que ardia sobre o feretro, cada vez que ella parecia querer extinguir-se.

Na cidade não se fallava de outra cousa, senão daquella sublime abnegação e todos citavam a extraordinaria mulher, como um rarissimo exemplo de astidade e de amor conjugal.

Aconteceu haver a justiça por esse tempo mandado crucificar varios la-

drões muito perto da crypta onde a matrona chorava a recente viuvez.

Na noite seguinte, o soldado que guardava as cruzes para evitar que alguém despregasse o corpo de um dos condemnados para dar-lhe sepultura, vio uma luz que brilhava entre os sepulcros e ouviu os gemidos da viuva.

Impellido pela curiosidade, desceu ao subterraneo, para averiguar o que ali occorria. Deparando com uma mulher de soberana formosura deteve-se assombrado, como se estivesse diante duma appareição sobrenatural. Logo, porém, sahio de seu engano, ao ver o cadaver estendido sobre uma pedra e a mulher chorando e mostrando no rosto arranhado o signal das unhas.

Dando-se conta, afinal, de não haver ali mais do que uma viuva inconsolavel, começou o soldado por levar, para a crypta sua ceia frugal, exhortando a formosa afflicta a não se deixar dominar mais tempo, por uma dor inutil e por prantos estereis.

— A morte disse elle — é o termo commum de tudo quanto existe: a tumba é o ultimo asylo de todos nós. Com essa e outras fallas esgotou quanto lugar commum se costuma empregar com o intento de curar as feridas da alma.

Aquellas consolações que um desconhecido lhe offercia, irritavam ainda mais o pezar da viuva, que arranhava com maior desespero o rosto e arrancava os cabellos.

Não se deu o soldado por vencido e insistio em offercer-lhe da ceia que levava.

Leituras e leitores



«Nós, os da raça latina...»



Galho de urtiga

Missa funebre

A encantadora viuvinha não foi feliz — diz ella — com o seu primeiro marido. Ha dias, entretanto mandou dizer missa por elle.

— E você nem me communicou!... — estranhou uma das suas amigas, censurando-a.

— Ora, menina não valia a pena... — desculpou-se a linda creatura.

E rindo:

— Foi missa em acção de graças!

E beliscou a outra, com perversidade.

Queixas e queixos

O conhecido politico, actual membro da Camara e figura de destaque em um Estado proximo, é notavel pelo tamanho do seu queixo. Um destes dias, em uma roda de senhoras paulistas, discutia-se a aberração.

— Como teria sido aquillo? — observava uma. — Elle com certeza não nasceu assim...

— Certamente que não! — atalhou a outra. E cobrindo os olhos com o guardanapo:

— E' consequencia de uma lei physiologica.

— ?...

— A função faz o orgão!

E riram, os diabinhos.

Os grillos

Foi no «Palais» aonde levavam o «film» «Constancia», de Mary Pickford. Em uma das scenas da «fita» apparece um entomologista, que examina attento, um grillo. Atraz d'elle, a criadinha olha o trabalho, quando vê passar na rua, tocando e cantando, um grupo de rapazes e raparigas.

— Como elles cantam bem!... — exclamou a pequena, ao ouvir a cantoria.

E o sabio, suppondo que ella se refere ao grillo:

— E' mesmo. Esfregando as pernas trazeiras, elles tiram uns lindos sons...

Por essa altura, houve, em todo o cinema, um femexer de pés, por baixo das cadeiras. Eram os grillos, com certeza, que recolhiam as pernas trazeiras...

Offertas e procuras

Nestes ultimos annos, pelo Carnaval, tem sido ella uma das companheiras mais encantadoras no Asyrio, no Palace Hotel, no High-Life. Tel-a a seu lado, nos tres dias de folia,

é successo infallivel. Por isso, o dr. Mauricio Gudim telephou, logo, na ultima segunda-feira:

— Olhe, eu a quero por companhia pelo menos em um dos tres dias. Pode?

— Espere ahi, — pediu a encantadora creatura. E voltando ao telephone, após uma consulta ao seu livrinho de notas:

— No terceiro dia do Carnaval de 1925. Serve?

Para os outros, até lá, ella já estava comprometida...

Campanhas sangrentas

Causou sincera emoção, no Rio, a frase do jovem tribuno e queridissimo politico dr. Mauricio de Lacerda, ao ser ferido por uma pedrada em Juiz de Fôra.

— Já derramei o meu sangue pela Republica, — exclamou elle. — Cumpri o meu dever! Estou satisfeito.

Ao chegar a esta capital, foi o ex-deputado fluminense procurado, por telephone, por uma sua amiga, que lhe foi, logo, perguntando:

— E' certo, Mauricio, que você achou que havia cumprido o seu dever por haver derramado o seu sangue?

— E', sim. Porque?

Uma gargalhadinha brejeira, e esta observação:

— Ora, filho; é pouco!

— ?...

— Eu derramo o meu todos os mezes, e... não estou satisfeita!

E desligou.

Indiscreção

Até agora, o unico defeito que lhe apontavam era ter a voz ligeiramente rouca. Isso mesmo constituia, entretanto, para alguns admiradores, um encanto novo, pela raridade daquelle tom em garganta feminina. Ha dias, em um grupo, veio á baila o nome da distincta senhora.

— E' muito bonita! — affirmava uma senhorita.

— E muito sympathica! — secundava outra.

— Mas tem um defeito! — protestou o deputado fluminense Raul Rego.

E indiscreto, satisfazendo a curiosidade geral:

— Amarra a meia com barbante!



A moça fechou as palpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas.

Adormeceu.

Começou logo a sonhar que em de redor ia tudo se fazendo cor de rosa, a principio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, até formar-se em torno d'ella uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E vio-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tepida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pendulo phantastico.

Entretanto, notava que, em volta da sua nudez aloirada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sanguineas, que se agitavam, desprendendo aromas de flôr. E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre petalas gigantescas, no regaço de uma rosa interminavel, em que seu corpo se tufava como um ninho de velludo carmezim, bordado de oiro, fôfo, macio, trespallante e mórno.

E suspirando, espreguiçou-se toda n'um enleio de volupia asctica.

Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas fórmas de menina.

Ella sorrio para elle, requebrando os olhos, e então, o fogoso astro tremeu e agitouse, e, desdobrando-se, abrio-se de par em par em duas azas e principiou a fremir, attrahido e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflammassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as azas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente em torno da immensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados.

E a donzella, sempre que a borboleta se approximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe accendia, gotta a gotta, todo o seu sangue de moça.

E a borboleta, sem parar nunca, doidejava em todas as direcções, ora fugindo rapida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de braza a pelle delicada e pura da menina.

Esta, delirante de desejos, ardia por ser alcançada e empinava o collo. Mas a borboleta fugia.



Pombinha

(Pagina d'O CORTIÇO)

Uma sofreguidão lubrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse n'ella, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rapido abraço dentro das suas azas ardentes. Mas a borboleta, sempre doida, não conseguia de'er-se; mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volupia.

— Vem! Vem! supplicava a donzella, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas azas!

E a rosa, que a tinha ao collo, é que parecia fallar e não ella. De cada vez que a borboleta se avisinhava com as suas negaças, a flôr arregaçava-se toda, dilatando as petalas, abrindo o seu pistillo vermelho, e avivado daquelle contacto com a luz.

— Não fujas! Não fujas! Pousa um instante!

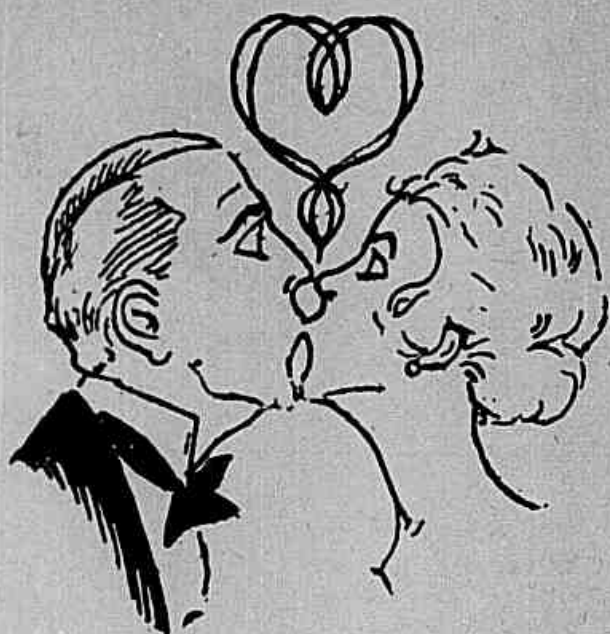
A borboleta não pousou; mas, n'um delirio, convulsa de amor, sacudiu as azas com mais impeto e uma nuvem de poeira doirada desprendeuse sobre a rosa, fazendo a donzella soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquelle effluvio luminoso e fecundante.

N'isto, Pombinha soltou um ai formidavel e despertou sobresaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentio o grito da puberdade sahir-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorrio-se commovida. Um sino, longe, hatia alegre as doze badaladas do meio dia. O sol, victorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus rios descia em fio de oiro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo.

Aluizio Azevedo





A creada, seduzida, talvez, pelo odor do vinho, não resistio ao convite, e estendeu a mão para o alimento. Recobrando forças, ella quiz, tambem, lutar contra a obstinação da desconsolada patrãoa :

— De que servirá deixar-te morrer de fome, enterrar-te viva, devolver á eternidade uma alma que ainda póde desfructar o mundo ? Que grande favor fazes ao defunto com isso ?

Volve á existencia; desengana-te de um erro já demasiadamente longo, para nosso sexo ; gosa, enquanto podes, a luz do sol.

Este cadaver, que ahí está deve bastar para que comprehendas como é grato viver. Attende a quem te offerece alimento e não te deixes morrer.

Extenuada por tão longa abstinencia, a viuva se deixou convencer e comeu e bebeu com tanta anciedade, como antes já o fizera a creada.

E' sabido que da satisfação de um appetite nascem novos desejos.

Animado pela primeira victoria, o soldado começou, então, a empregar novos argumentos, para triumphar da virtude daquella que se deixara convencer da necessidade de tomar alimento.

O soldado era guapo, engenhoso e moço e de tudo isso se apercebeu a matrona, cuja creada, para se mostrar grata, não deixava de incital-a a abrandar os rigores de sua virtude.

Para abreviar : depois de se ter rendido ás solicitações do estomago, rendeu-se a viuva ás do coração e não só aquella noite, como nos dias seguintes, occupou metade do leito do soldado, não sem antes cerrar cuidadosamente a entrada da crypta, com o que todo amigo e parente que por ali passasse iria acreditar que a fiel viuva havia morrido de dor, junto ao corpo do marido.

O soldado que ficara louco de contente com a belleza de sua amada e com o mysterio daquelles amores, permanecia no subterraneo, es-

quecido do resto do mundo, quando os parentes de um dos crucificados, vendo que o guarda não estava no seu posto, recolheram o corpo e o enterraram.

As leis eram então severas para a sentinella que abandonava seu posto — e não se descreve, por isso mesmo, o pavor do pobre soldado, que não pensava senão no prazer, quando, no dia seguinte, vio uma das cruzes sem o cadaver.

Aterrorisado com o supplicio que o esperava, foi elle ter com a viuva, contou-lhe o que acontecera e annunciou-lhe a tragica resolução que tomara :

— Não esperarei que me sentenciem, exclamou elle. — Minha propria espada, antes da decisão do juiz, castigará a negligencia de que fui culpado. Quero somente que me concedas o ultimo asylo neste sepulchro, collocando teu amante ao lado de teu marido.

A mulher, porém, tão compassiva como casta, renegou o proposito :

— Não permittam os deuses que eu tenha de chorar tua morte depois de chorar a delle!... Mais vale crucificar o morto que deixar perecer o vivo...

E immediatamente se dispoz a tirar do fetro o corpo do defunto, para que o soldado, pasmo da indicação engenhosa daquella mulher prudentissima, o fosse collocar na cruz vasia.

Foi assim que no dia seguinte o povo se admirava do prodigio de haver um morto voltado expontaneamente ao patibulo...

Jan Richora

EXPEDIENTE

A MAÇA

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno	25\$000
Semestre	13\$000
Numero avulso	\$600

Capital :

Numero avulso	\$500
» atrozado	\$600

Agentes para os Estados :

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bothencourt da Silva 15, 17 e 19

ROUPAS BRANCAS para homem, desde a pyjama á finissima camisa, é a grande especialidade d' O Pavilhão Ouvidor 108.





"Bemtevi"



Patrick Garden, funcionario do London Bank, ainda não estava restabelecido da molestia grave que o accommettera, quando, para cumprir a propria palavra, resolveu casar-se com a senhorita Zezé de Oliveira, filha mais velha, e mais linda, do commendador Bernardino Gomes de Oliveira, da firma Oliveira, Gomide & C., com casa exportadora á rua Primeiro de Março.

O casamento foi sumptuoso e, sobretudo, alegre. A colonia ingleza compareceu quasi toda, lançando á cabeça dos noivos punhados de casca de arroz. E como a sociedade carioca, inteira, reconhecesse nas filhas do commendador Oliveira um dos seus elementos de destaque, os salões do opulento capitalista fervilharam, nesse dia, do que havia de mais distincto, de mais fino, de mais aristocratico, na cidade do Rio de Janeiro.

Terminada, porém, a recepção, o commendador chamou á parte o inglez e, com boas maneiras, pediu-lhe um favor. A saúde d'elle, Patrick, não estava, ainda, segura. Os medicos que o haviam examinado tinham-lhe dito, com franqueza, que lhe eram indispensaveis mais alguns dias de repouso, de calma absoluta, de inteiro socego de corpo. E concluiu, batendo-lhe no hombro, paternal:

— Por isso, eu lhe péço: vá de manhã, para a nossa fazenda em Therezopolis, e descance. Dentro de oito dias, asseguro-lhe, eu mandarei a Zezé, e vocês ficarão passando lá a lua de mel.

E pegando-lhe nos braços:

— Está combinado?

Contrafeito embora, o inglez concordou:

— Combinado!

E pondo-se de pé, tomou o chapéo, beijou os dedos á noiva, recebeu instrucções do sogro e, no dia seguinte, á noite, dormia, fumando cachimbo, na fazenda «Santo Ignacio», a duas leguas, apenas, da deliciosa cidade serrana.

A sua qualidade de inglez, de legitimo representante de uma raça fleugmatica, não impedia, entretanto, que Patrick olhasse com impaciencia a marcha preguiçosa, quasi insensivel, dos ponteiros do relógio. E se era com alegria

intima que via passar cada hora, maior, ainda, era o seu jubilo quando arrancava, de manhã, uma das tiras da folhinha.

E ia contando:

— Faltam cinco dias!

— Faltam quatro!

— Faltam tres!

— Faltam dois!

E já começava a impacientar-se, quando recebeu um telegramma, urgente. Era o sôgro que communicava, entre palavras amaveis, que a Zezé embarcaria no dia seguinte, e que elle fôsse recebê-la, ás seis, em ponto, na estação.

O outro dia foi, para Patrick, de anciedade angustiosa. A's duas

horas da tarde já elle havia atrelado á «charrete» o «Bemtevi», fogaço cavallo da fazenda, o qual ficou desde essa hora, escarvando o chão, preso ao vehiculo, á sombra de uma grande arvore que havia defronte da casa. A's tres e meia, enfim, pulou para a «charrete», e atirou-se, estrada abaixo, no rumo da estação.

A viagem de Patrick em busca do trem foi, para elle, um supplicio. Preso ha muito tempo



CONSULTORIO DE M.^{ME} BENEDICTA

COMMENDADOR Z. L. — O sapato é muito mais conveniente do que a botina. Tira-se mais depressa e calça-se mais rapidamente. Enquanto uma pessoa abotôa duas botinas o senhor terá tempo de amarrar até quatro sapatos. D'ahi a decadencia da botina, principalmente para os homens.

Mme. TONTOLINI — V.Exa nem parece italiana. Será preciso que uma dama brasileira, como eu, tenha que lhe ensinar o modo de comer macarrão? Pega-se a massa, e mette-se a ponta na bocca, deixando escorregar até á garganta; puxa-se outra vez e engole-se de novo, de modo a tomar bem o gosto do tempero.

Depois de bem salivado para facilitar a digestão, engole-se inteiro.

SENADOR LOPES GONÇALVES — As Olympiadas de Antuerpia não têm nada com a Olympia, não, senhor. Onde o senhor leu «corrida de Marathona» houve, com certeza, troca de um «f» por um «th». O «t», ahi, é demais.

DR. LUIZ MURAT — Os versos da illustre poetisa D. Rosalina Coelho Lisboa a que o senhor se refere, são os seguintes:

*A summa gloria de viver consiste
Em desvendar aos homens a belleza*

Estão á pag. 24 do *Rito Pagão*, á mão direita de quem abre.

PROFESSOR AMOEDO — E' extraordinario que o illustre professor não saiba. Diz o senhor que pintou uma parisiense, que é, talvez, o melhor dos seus quadros, e está, agora, em diffculdade, para saber onde lhe deve pôr a bocca. A minha opinião é que o senhor deve pôl-a mesmo debaixo do nariz, até resolução em contrario.

Mme. P. P. P. — Não acredite, absolutamente, no que elle diz. Os veteranos da guerra de 70 são hoje rarissimos. Quem sabe, entretanto, se aquella cicatriz no beijo não foi recebida um anno antes?

Mme. A. I. Y. — Para as manchas dessa ordem não ha sabão que sirva. Converse com o seu pae que elle, com certeza, lhe passará um «sabonete».

LUCIA — Madame nunca viu uma bananeira cahida? A bananeira, quando cae, nunca mais se sustenta em pé, mesmo que a espequem por todos os lados. Pois, a mocidade é assim, acredite.



Mme. ELISA — A missão do collete já foi definida por um francez e resume-se no seguinte: humilhar os orgulhosos e exaltar os humildes. Em melhores palavras: abaixar onde ha de mais e elevar onde ha de menos. E' este o seu caso. Use collete.

Mme. O. O. O. — Acha V. Excia. que o Derby Club não age com sinceridade annunciando que aquelle jockey pêsá apenas 56 kilos. A sua opinião, nesse caso, é valiosa. V. Excia. é autoridade no assumpto, e deve conhecer, como frequentadora de corridas, o peso de cada «jockey».

DR. HERBERT MOSES — Foi engano da dona da pensão. O senhor embrulhou-se com a toalha de mesa, pensando que era lençol. O cheiro era de gordura.

BELMIRA DE ALMEIDA—V. Exa. deve conhecer aquella historia do Antonio da Venda, quando quiz contrair matrimonio. Interessado em tornar-se o mais cheiroso dos homens o Antonio comprou um pulverizador com agua de Colonia, foi para o quarto, poz-se á vontade, e começou a applicar o perfume. Primeiro, pulverizou a cabeça. Passou a mão, e cheirou.

— Muito baim!— concordou.

Em seguida, o pescoço. Passou a mão, levou-a ao nariz, e declarou-se satisfeito:

— Muito baim!

Depois, borrifou as axillas.

— Muito baim!— concordou ainda, com satisfação.

E assim foi, corpo abaixo, até que chegou no pé. Pulverizou-o bem com a agua aromatizada, metteu o indicador da mão direita entre os dedos das plantas, levou-o ao nariz, fazendo uma careta:

— Qual! — gemeu.

E desolado:

— Pé é sempre pé!



Mme. Benedicta

Historia do Brasil... amorosa

© Galante Imperador

Assis Cintra, o novo collaborador desta revista, é o historiador imparcial e verídico do Primeiro Império. O artigo que se vai ler constitue o primeiro capítulo de uma série curiosa sobre a vida de Pedro I, o «Galante Imperador», cujos feitos de conquistador incorrigível custaram a S. Magestade, como se sabe, muito prazer, muito susto, e, mesmo, algumas surras.



Monsieur Antoine Saisset e Madame Louise, sua mulher, que tinham sido criados em casa do banqueiro Perin, em Paris, com o pé de meia de suas economias vieram tentar fortuna no Brasil.

Desde logo o casal francês estabeleceu-se na rua do Ouvidor elle, com loja de modas; ella, com officina de cabelleireira, então, como hoje, muito rendosa.

Mas a riqueza almejada não cahia tão depressa do Céu como o maná do deserto biblico. Um dia Pedro I viu em S. Christovam a formosa Madame Saisset que fôra levar encomendas das senhoras palacianas e ageitar penteados para uma festa. Achar bonita a cabelleireira, cubical-a e beijal-a, tudo isso era para o Imperador cousa de nada e para a francêsa... maná do deserto.

Demais, era uma francêsa do Rio, e estas eram, segundo o sabio Jaquemont, umas... amáveis raparigas.

Madame Saisset, porém, não preveniu o marido. Apaixonado, Sua Magestade perdeu a compostura do cargo (si é que a teve algum dia) e já não satisfeito de se fazer Romeu ao luar visitou a namorada, á tardinha, em sua propria casa. Para afastar o marido, mandou-o chamar ao Paço, dando ordem ao camareiro-mór que o não deixasse sair enquanto elle, imperador, não voltasse.

O elegante Saisset foi ao Paço, porem anoitecera e desconfiado da insistencia do camareiro, suspeitou qualquer surpresa policial, e... sahiu á francêza.

Pedro I jantára com a Madame Saisset e, esquecendo-se da pragmatica e do mari-

do que deveria estar no Paço, desapertára a fardeta, com que estava vestido, descalçára as botas por causa dos callos, e como as cadeiras não fossem macias como as do Paço, com a devida licença, sentou-se no lindo leito que fronteava a sala de jantar. Tudo isso «innocentemente», já se vê. E' claro que o francês Beauville, de quem tiramos o' relato, malicia o episodio, pintando-o com outras côres... mais «realistas». E' que o protagonista era... «real», nas duas accepções.

De repente, irrompe, esbaforido, o dono da casa, clamando, faminto e cansado, pela sua querida Louise. Reboição.

O Imperador quiz saltar a janella.

Deteve-a rapidamente a cabelleireira Louise Saisset. Seria aquillo um grande escandalo.

Com a graça e intelligencia gallica rasgou sua camisa de dormir, com ella amarrando em varias dobras a perna direita do Imperador.

Trocaram algumas palavras para a comedia. Vestiu-se ligeiramente, e abriu a porta do quarto.

Seu marido, na cozinha, empunhava um quarto de frango assado, e com elle se reconstituia. E Louise, compungida, explicava:

— Que alli perto succedêra um desastre: Sua Magestade o Imperador não podendo refrear os corcovos do seu cavallo, cahira redondamente, torcendo o joelho direito.

Ella, afflicta, correrá a auxiliá-lo e com alguns transuentes, recolherá-o.

Alli estava, desapertado, na cama, sem poder andar. O medico chamado estava tardando. Fosse elle avisar o camareiro-mór, e pedir a carruagem de Sua Magestade.

Saisset, atirando, commovidissimo, os





na estrebaria, e alimentado com alfafa e milho, o «Bemtevi» estava intolerável para viajar. Pescoço alto, crina esvoaçante, o animal arremettia pelos valles, relinchando forte, como se o animasse um contentamento indizível.

E era assim que trotava, ardego, freio nos dentes, arrastando como uma penna a «charrette» leve, através das varzeas, dos outeiros, da larga estrada batida de novo. Corajoso embora, o inglês tremia, esperando, a cada momento, despenhar-se por uma daquellas ribanceiras, até o fundo escuro dos precipícios. O «Bemtevi» não queria, porém, saber de nada: trotava, trote largo, animado, relinchando com força, narinas escancaradas, crinas espanejantes, como um cavallo de guerra que ouvisse, trazido pelo vento, o estalar de um clarim de batalha.



Amedrontado, adivinhando as proximidades de um abysmo, Patrick concentrou todas as forças e puxou com ambas as mãos, as re-deas do animal. O cavallo parou, arfando alto, escarvando o chão. Satisfeito, o inglês desceu da viatura, e foi agradar o quadrupede:

— Que é isso, «Bemtevi»? Vamos mais devagar!

Afastou-se um pouco, passeou os olhos pelo animal todo, examinando-lhe os olhos vivos, as orelhas empinadas, os cascos inquietos, as narinas offegantes, e a cauda, e a garupa, e a barriga banhada de suor. De repente, sorriu:

— Uê, «Bemtevi», que é que você tem?

E ao ouvido do bicho, malicioso:

— Você também recebeu telegramma?

H. de C.



Filhotadas



Na casa do armador

Ao armador Zé Chamiço
Procura Cé'ia, viuva,
P'ra que lhe faça um serviço;
Chove, elle nega-se a isso:
— «Bem vê que com esta chuva...»

Cé'ia insiste. (Que insistencia!)
— «Venha... E' na rua do Carmo.
Volve elle: «—Vossa Excellencia
Tenha santa paciencia,
Mas eu, agora, não armo!...»

□ □ □

Forte, altivo, sem caricias,
Nunca dê's teu coração:
Gósa do amor as delicias
Como o jaguar no sertão.

Antonio Torres

□ □ □

Toda a paixão é funesta:
Amor sem sangue não presta.

Catullo Cearense

Costume antigo

Vão passear, distrahidos,
No Paschoal, o Barbosa
E Rita, a bella da esposa...
«Oh!—grita o Chico de Souza—
Sejam bem apparecidos!
Não tomam alguma cousa?

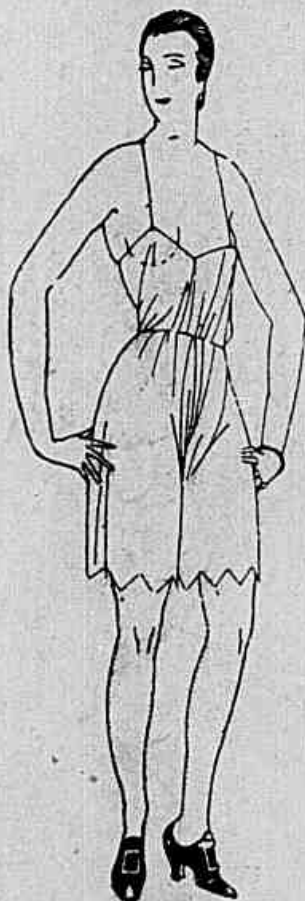
Peço-lhes com todo o empenho;
Tomem uma limonada,
Um vinho, uma cajuada...»
— «Não—volve Rita—obrigada!
Mas é costume que eu tenho:
De dia não tomo nada!»

Pedro Rabello

□ □ □

E' o amor que uma alma engóle,
Sabão mol'le:
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra cega
Escorréga,
Cae aqui, cae acolá.

Antonio José



PRÓ-FILHOXIA...



Os altos problemas de Eugenia só agora vão sendo devidamente compreendidos no Brasil.

Ardentes, impulsivos, por força da mesma lei que dirige, na Natureza, a exuberante fecundação das nossas arvores, o estonteante colorido do nosso céu e a furia indomita dos nossos mares, os brasileiros são, em regra, impellidos cegamente para o matrimonio, sem cuidarem das consequências que tão serio acto acarreta.

A paixão violenta, que outros povos de civilização mais avançada resolveram banir da ordem de suas cogitações, (ainda, entre a nossa gente de cultura mediana, o principal propulsor de todos esses movimentos que terminam, na maioria das vezes, pelo ponto final de uma Pretoria.

Eis porque a campanha saneadora, em bôa hora iniciada pela Saude Publica, contra as molestias galantes, deve ser encarada com toda a seriedade pelos que sonham para o Brasil uma raça digna da sua grandeza e do seu destino.

Nisto, porém, como em todas as coisas, não se deve perder de vista o sabio conselho da experiencia ancestral: — *in medio veritas*.

Os excessos de cautella no amanho do terreno destinado á seara vindoura dão, muitas vezes, resultados deploraveis.

O exemplo do casal Faria Guedes pode ser tomado, a esse respeito, como ensinamento de relevante peso.

Casado de pouco, ainda em plena lua de mel, o Dr. Mario de Faria Guedes que, em solteiro, abusara demasiadamente dos prazeres faceis e duvidosos, lembrou-se de contrabalançar esses abusos de mocidade com os recursos que, generosamente, lhe offerecia a sciencia.

Certa vez, ao sahir para a Repartição, o

jovem funcionario dos Correios chamou a esposa e, carinhosamente, passando-lhe o braço em volta do pescoço bem torneado, communicou-lhe, satisfeito:

— Olha, Ninita, já fallei ao Dr. Estellita Lins e elle começa hoje as tuas injectões.

E, já no portão:

— Elle estará aqui ás 2 horas.

Realmente, á hora aprasada o conhecido facultativo se dispunha a ministrar em sua linda cliente a primeira seringada da serie, mangas arregaçadas, barba revolta, attencioso e gentil.

Mezes decorreram. A cura mercurial se prolongou, sem interrupção de um dia, por muito tempo.

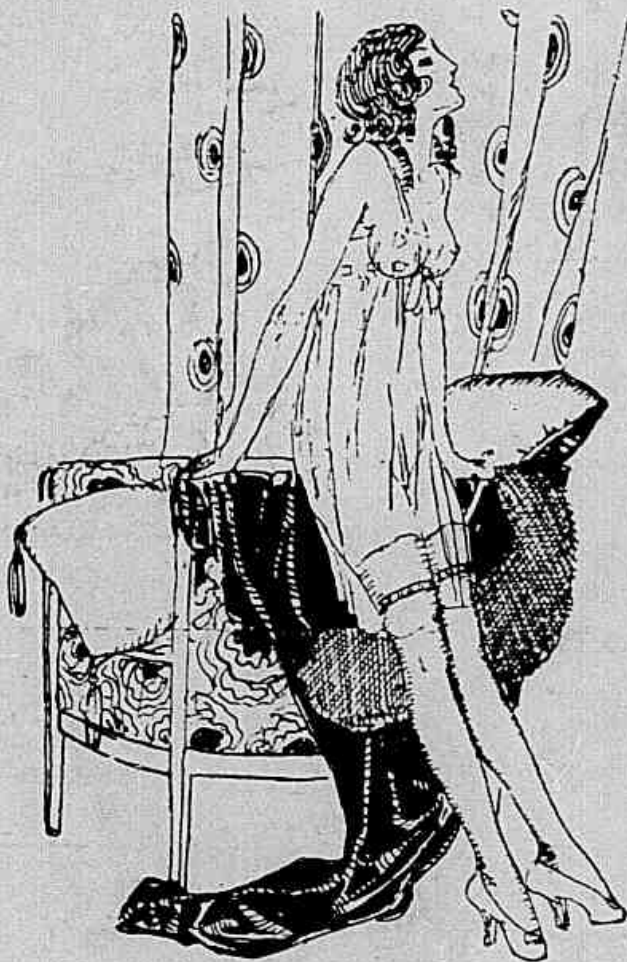
E ao dar á luz D. Ninita o seu primeiro rebento, o marido não pode conter a admiração:

— Vê, Ninita, como se parece com o Dr. Estellita!

E depois de uma pausa angustiosa:

— Acho bom diminuir as tuas injectões. Senão o proximo é capaz de nascer já barbado; não achas?...

PEDRO PAULO



«Cavando» o «futuro»...

O jovem ex-deputado vem sempre de Nitheroy naquella barca das duas e tanto. E ninguem sabia porque coincidencia a formosa funcionaria do Estado viajava sempre á mesma hora.

— Tens algum «flirt» com elle? — indagou ha dias, na estação, uma das suas amigas.

— Eu? — estranhou a moça. — Eu, não!

— E como vaes sempre na mesma barca em que elle viaja?

Ella riu-se, mas explicou-se:

— Menina, tu sabes, eu preciso ser promovida...

— ?...

— E quem sabe se elle será o futuro presidente?

E passou, com estrondo, esfregando-se na «borboleta».



ALCOVA DOS POETAS

HYGIENE

O illustre jornalista e homem de letras, tão famoso pelas suas campanhas políticas como pelas suas aventuras parisienses, é um homem votadíssimo á hygiene: mal acaba de fumar, corre, logo, a lavar a bocca, para que as mulheres não sintam nelle, jamais, o cheiro do cigarro.

Ha dias, appareceu elle na Avenida com o alvo bigode ligeiramente grudado.

— Que é isso? indagou o Dr. Rodrigues Barbosa, chamando-lhe a attenção para o caso.

O jornalista levou a mão, afflicto, ao ponto indicado, olhou, cheirou, examinou. E ao fim, sorrindo:

— Deste-me um susto!...

E confessando:

— E' sabão...

— Que fôra nada. Apenas ingurgitamento nos nervos inferiores, impedindo os movimentos, respondeu o esculapio. E partiu.

Nessa noite, conta com muita graça o viajante Beauville, o respeitavel commerciante da rua do Ouvidor dormiu no quarto da criada, enquanto a mulher, Madame Saisset, cuidava, como enfermeira, do regio doente.

Em verdade, o cirurgião-mór do Paço acertara com o diagnostico. Engurgitamento dos nervos inferiores, impedindo os movimentos. Mas a bôa enfermeira com as applicações de arnica, durante a noite, descongestionou a perna imperial e... no dia seguinte Sua Magestade estava melhor.

Foi a sorte grande para o Saisse, a hibilidade de enfermeira da sua

Plena Nudez

Eu amo os gregos typos de escultura;
Pagans nuas no marmore entalhadas.
Não essas producções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas.

Não quero a Venus opulenta e bella
De luxuriantes formas, entrevel-a
Da transparente tunica atravez;

Quero vel-a, sem pejos, sem receios,
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús, toda nua, da cabeça aos pés!

Raymundo Corrêa



querida Luiza. Pedro I foi grato.

Comprou e deu-lhe o predio onde tinham loja, pagou-lhes todas as dividas, isentou-o dos impostos de alfandega, baptizou-lhe o filho nascido um anno após, galardoou-o com as ordens honorificas do Brasil, e mesmo muito tempo depois, quando os Saisset eram os barões Saissets, banqueiros de Paris, D. Pedro I, ao morrer, deixou em testamento uma grossa quantia ao seu afilhado Pedro de Alcantara, primogenito da Casa Saisset.

Assis Cintra

AS CAMISAS DE CORES

tratando-se de artigo fino e moderno completam no homem a toilette de verão. A escolha mais facil:— n' O Pavilhão, Ouvidor 108.

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

Sociedade de Seguros sobre a vida

Sede social: Avenida Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro

Relação das apólices sorteáveis em dinheiro, em vida do segurado

62.º sorteio — 16 de Janeiro de 1922

114.375—Joaquim Sans Alberto	Livramento R. G. do Sul	90.117—Artidoro Flexa	Idem, idem, idem
84.375—Bento Giordano Oliveira	Itajahy — Santa Catharina	112.186—Epaninondas da Costa Mattos	Tombos—Idem
96.372—Oscar Baptista Leite .	Fortaleza Ceará	119.003—João Dionysio	S. Paulo—S. Paulo
(1) 94.558—Manoel Pacheco Ramalho	Maceió—Alagôas	117.764—Jairo Bueno de Camargo	S. Paulo—S. Paulo
84.232—Alexandre Konri Fara	Xapury—Alto-Acre	111.444—Zagatti Nicola	Idem — Idem
98.146—José Boavista e esposa	Caxias — Maranhão	111.787—Alberto de Arruda Camargo	Ribeirão Preto, Idem
81.775—Alberto Teixeira Ribeiro	S. Salvador-Bahia	118.752—Mario Pontual de Petrolina	S. Paulo—S. Paulo
44.757—Bernardino de Oliveira Pinto	Canavieiras—Bahia	117.507—Francisco Fortes	Idem — Idem
109.680—Osorio Bersot	Conceição Macabú—E. do Rio	116.123—João Toschi	Idem — Idem
115.509—Julião Jorge Nogueira	Campos-E. do Rio	109.015—Francisca Pereira dos Santos	Capital Federal
118.476—João Durado da Costa Azevedo	Ipojuca—Pernambuco	(2) 117.253—Antonio Bertulli	" "
117.550—Manuel Joaquim de Farias	F. dos Leões—Idem	(3) 114.358—Isidro Marba	" "
108.870—José Cavalcanti dos S. Araujo	Recife—Idem	(40) 113.494—Quintino de Souza	" "
115.992—Custodio Pinto Coelho	Bello Horizonte, Minas	95.323—Jonathas Archangelo de S. Serrano	" "
		112.301—Americo Warnick	" "
		88.054—Dr. Corolino de Miranda Corrêa	" "
		104.645—Astolpho Vieirade Rezende	" "
		112.425—Er. Raul Machado Bittencourt	" "

(10) O Sr. Manoel Pacheco Ramalho teve a sua apolice n. 106.312 sorteada em 15 de Abril de 1920.

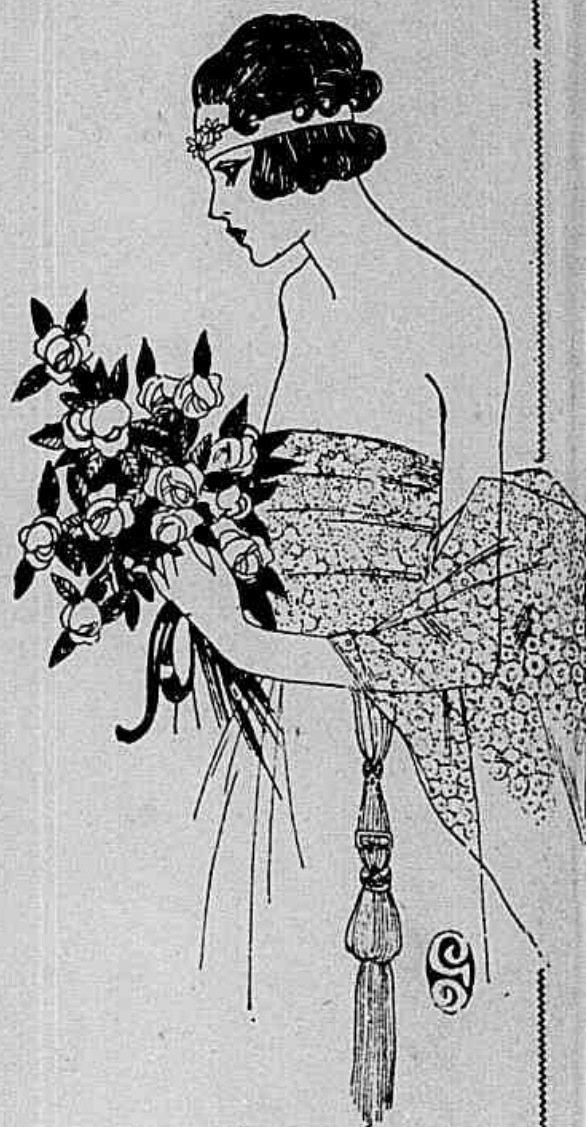
(20) O Sr. Antonio Bertulli teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Outubro do anno proximo passado.

(30) O Sr. Isidro Marba teve a sua apolice n. 90.247 sorteada em 15 de Abril de 1913.

(40) O Sr. Quintinho de Souza tambem teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Janeiro e 15 de Julho do anno finão.

NOTA — «A EQUITATIVA» tem sorteado até esta data 1.659 apólices no valor de 7.163.590\$000, importancia paga EM DINHEIRO aos respectivos segurados, continuando as mesmas apólices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas de contracto de seguro.

Tendo se esgotado em poucas horas, sabbado ultimo, o primeiro numero d'A MAÇÃ, o Sr. Conselheiro X. X., profundamente commovido com o acolhimento que teve sua revista, participa aos interessados que, logo após o terceiro numero, tirará nova edição do primeiro, para attender aos leitores avulsos que ficaram sem elle, aos assignantes, e, particularmente, ás necessidades dos colleccionadores ::::



COM ESTE CALOR — Só mesmo um terno de brim ou de Palm-beach; conseguil-o bom e bemfeito? Na alfaiataria d' **O Pavilhão** Ouvidor 108.

UMA QUESTÃO DE GOSTO sobre a roupa do homem pode ser resolvida na alfaiataria d' **O Pavilhão** Ouvidor 108.

FARINHA

Lactea Phosphatada

INGESTA

SILVA ARAUJO

Torna as crianças sadias e robustece os debilitados.